

# **Recontar é Viver: Resgatando a História de Vida e a Auto-Estima de crianças com Dificuldades de Aprendizagem**

## **Retell is to live: retrieving the history of life and self-esteem of children with learning disability**

Suzanne Polity<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo trazer algumas reflexões a partir de uma pesquisa-intervenção participativa, com enfoque psicopedagógico, desenvolvida no contexto de sala de aula, em uma escola particular em São Paulo. Este estabelecimento trabalha com crianças e jovens com dificuldade de aprendizagem. A pesquisa teve como objetivo compreender e descrever o resgate da história de vida desses alunos e criado a possibilidade de recontar diferentes momentos, re-significando as experiências e vivências pessoais e familiares. O processo se deu através de recursos da Arte terapia, com vistas ao auto-conhecimento, buscando a integração e a organização internas. A compreensão dos dados foi baseada na mudança qualitativa da auto-estima através da construção metafórica de "Heróis Internos", bem como nas mudanças que ocorreram nas relações pessoais, familiares e sociais.

**Palavras-chave:** Psicopedagogia Institucional, Dificuldade de aprendizagem, Fotografias, arteterapia, Auto-estima, Herói.

### **ABSTRACT**

This article aims to provide some thoughts from a participatory action research, focusing on psychology, developed in the context of the classroom, a private school in São Paulo who works with children with learning disabilities. The research interest was to facilitate the rescue of life story of these students and create the opportunity to recount these moments, redefines the experience and personal experiences and family. The process occurred through the resources of art, which enables and promotes through art, the self in the sense of integration and organization. Data analysis was based on qualitative change of self-esteem through the metaphorical construction of "Heroes Interior", and improving personal relationships, family and social.

**Keywords:** Institutional Psicopedagogia, Learning disability, Photos, Art, Self-esteem, Hero.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicopedagoga, Professora de Artes.

## Introdução

Em momentos importantes de minha vida, percebo uma grande necessidade de resgatar meu passado e minha “História de vida” para tentar entender meu presente e quem sabe conseguir planejar meu futuro. Este movimento de “ir e vir”, faz parte de meu funcionamento e penso que sempre estive presente nas grandes situações de minha existência, inclusive na escolha do tema que deu origem à monografia apresentada na conclusão do curso de especialização em Psicopedagogia, da qual o presente artigo se origina.

Desde 2001, venho desenvolvendo projetos em uma escola da rede particular de São Paulo – Colégio Winnicott – a qual trabalha especificamente, com crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem.

Como professora de Artes, venho realizando atividades que proporcionam aos alunos o contato com aulas lúdicas, plásticas e artísticas. Aulas que convidam através da Arte, buscar o sentido e o significado de algumas passagens de suas vidas.

Ao refletir hoje sobre o curso e sobre esse processo na escola, acredito que meu desejo para desenvolver esta pesquisa, também foi mobilizado a partir da elaboração de meu “Memorial” durante a especialização. O objetivo do “Memorial” consistia em fazer um resgate de nosso percurso profissional, porém, acabei escrevendo minha “História de vida”, e assim expliquei, compreendi e entendi minhas opções acadêmicas.

Acredito que não temos mais a prática e o tempo necessário para buscar nossa **História de Vida**, hoje em dia. As pessoas não demonstram ter paciência e disposição para escutar o próximo, saber sobre o outro e muito menos para contar e falar sobre si.

Mesmo dentro dos consultórios, sinto a dor de alguns pacientes, ao ter que falar do passado, das histórias que viveram, de como se sentiram em algumas situações no passado para compreender algo atual. Parece que estamos vivendo uma era cujo foco é pensar no que está para vir, sem fazer qualquer relação com o passado: só o que importa é o aqui, agora e o foco pragmático de um futuro imediato.

Percebi que o significado destas reflexões para mim, tinha um sentido, e que este não era simples ou algo que eu manifestava ao acaso.

A partir do contexto observado, cada criança dentro da família possui uma TV, um computador, um vídeo game, e com isso, vivem num mundo tão isolado que dificulta o interesse e a aproximação entre as pessoas que convivem entre si. Parece que o sujeito existe somente no presente. Não há mais tempo para sentar, escutar, refletir e lembrar.

Os pais também não possuem mais tempo para contar o que só eles podem: o começo da vida dos filhos. Estamos vivendo num mundo em que não podemos deixar de pensar no amanhã, por que ele será sempre incerto.

Meu objetivo foi o de tentar resgatar os projetos de vida futura, sem perder as raízes da história e articulá-las com o momento presente.

Observei que poder resgatar minhas histórias me permitiu ser uma pessoa que valoriza o outro, e contribuiu para meu fazer profissional, como Psicóloga e Psicopedagoga. Quando falo em resgatar histórias, não estou querendo ser fiel aos fatos, mas à possibilidade de dar-lhes sentido.

Porém, infelizmente observo que hoje, não são todas as famílias e pessoas que valorizam essa troca, estes momentos reunidos onde é possível viajar pelo passado, resgatar histórias importantes, marcantes e significativas para o sujeito.

Não é de espantar, como reportam muitos professores, que as salas de aulas estejam repletas de alunos incapazes de construir e criar histórias, incapazes de refletir sobre o sentido da vida e sem vontade de saber sobre seus antepassados, sobre sua origem.

Posso dizer que sempre considerei este tema importante, entretanto, foi no processo de formação vivido em Psicopedagogia, que enxerguei o desafio e vislumbrei a possibilidade de desenvolver uma pesquisa sobre este assunto: "O resgate do interesse pela história de vida pessoal". Não apenas com intenção de se fazer diagnósticos ou de detectar as possíveis causas das dificuldades e deficiências; refiro-me a uma outra forma de se valorizar e re-significar a história no processo terapêutico e de aprendizagem.

Ao pensar sobre este tema: Recontar é Viver, faço analogia ao famoso ditado: “Recordar é Viver”, porém tento ir além do recordar. Proponho que através das fotografias, as lembranças surjam e sejam (re)construídas, e possam num contexto facilitador, serem Re-Contadas para os outros e para si mesmos.

Percebi com este trabalho que a falta de escuta da história de vida, também pode acarretar “sintomas” na aprendizagem ou a área emocional. Acredito que o desenraizamento (o não se sentir pertencendo), que é hoje muito freqüente, muitas vezes impede a criatividade, a imaginação e a vinculação afetiva entre as pessoas.

Algumas questões serviram-me como disparadoras para a elaboração do presente trabalho. Entre elas: Como podemos ter conhecimento sobre nossas histórias na família de origem? Como e por quem nos são contadas essas histórias? Em que momentos as lembramos? Como criar um contexto favorável para que as histórias tenham lugar? Quais são as transformações que ocorrem, quando se tem oportunidade de recontar histórias? Como as famílias lidariam com essas histórias? Qual seria o impacto deste projeto dentro das famílias?

Essas indagações e outras derivadas da prática vivida estiveram constantemente presentes e nortearam meu fazer e meus pensamentos.

Os procedimentos de intervenção e avaliação que serão expostos mais a frente estão vinculados na prática da pesquisa de natureza participativa que desenvolvi através da arteterapia e de reflexões acerca do meu fazer.

Vale lembrar que o presente trabalho foi uma pesquisa de intervenção participativa, cuja finalidade foi compreender e descrever os processos ao mesmo tempo em que houve uma intervenção e uma transformação no contexto descrito.

Sem dúvida, penso hoje, que o que me entusiasmou a realizar este trabalho foi justamente poder construir através da arte e de atividades lúdicas, (e porque não educativas), um espaço para ajudar a Recontar a História de Vida de cada aluno; e assim fazer com que eles se apropriassem dela.

## **Natureza e sujeitos da pesquisa**

A **pesquisa-intervenção de natureza participativa** foi realizada com 22 crianças de 12 a 22 anos, do sexo feminino (9) e masculino (13), em uma escola particular na cidade de São Paulo, no período de fevereiro a novembro de 2007. Consistiu na aplicação de um projeto psicopedagógico nas aulas de Artes e, ao mesmo tempo, possibilitou a construção e a análise de experiências que serão apresentadas ao final.

## **Características e objetivos da instituição: o perfil de um projeto em rede**

A pesquisa foi realizada no Colégio Winnicott, uma escola da rede particular de classe média/alta que trabalha há 10 anos com alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem.

“O Colégio Winnicott é uma instituição especializada em alunos com dificuldades de aprendizagem, geradas por bloqueios emocionais ou déficits cognitivos, com ou sem atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor. Desde programas de alfabetização até o Segundo Grau, busca desenvolver currículos escolares que atendam às necessidades específicas de cada aluno, priorizando o desenvolvimento das habilidades internas, tanto no aspecto social, quanto no intelectual” (POLITY, 1997).

O Colégio adota as premissas filosóficas do pensamento Winnicottiano, dando possibilidade para que se estabeleça uma relação entre o professor e a “mãe suficientemente boa” de Winnicott, conforme apontado por POLITY (1997).

Segundo a autora, este conceito pode também ser observado na escola. Para ela, um professor suficientemente bom é aquele que tem condição de aceitar as limitações do outro, na qualidade de um continente reparador e que se dispõe a trabalhar “junto com”. Isto supõe uma capacidade de conter as emoções que uma verdadeira relação impõe.

Ainda segundo a autora, a possibilidade de se estabelecer uma relação professor-aluno, acontece pela capacidade do professor de relacionar-se afetivamente com o aluno, pois este é, a princípio, um ser desconhecido com quem o vínculo afetivo ainda não foi criado. Um professor que tem a

disponibilidade para estar com o aluno e atualizar suas próprias potencialidades amorosas, permitindo que ambos cresçam e se humanizem nesta relação.

PEREIRA (1994, p.95,) também afirma que muitas vezes o professor aparece identificado com a boa mãe que alimenta o bebê, lhe dá amor e atenção, auxiliando assim o aluno a superar sua dependência em relação às figuras parentais. Diz a autora: “O professor tem um papel fundamental na representação dos ideais [do ego] na relação com seu aluno”. Ideais cuja função é decisiva na estruturação do ser psíquico - do ego. (...)”

Um dos objetivos da escola é criar condições para que todo indivíduo desenvolva sua capacidade para aprender. Assim, há uma valorização do que o aluno aprende e como se dá sua relação com o conhecimento, o saber, ou seja, tenta-se encontrar a relação do sujeito com o conhecimento e o significado para ele.

### **Desenvolvimento: a intervenção psicopedagógica**

O trabalho de intervenção psicopedagógica constituiu-se de diferentes atividades, tendo como eixo os seguintes passos:

- A Construção de um “Álbum” através da Arte.
- Seleção de fotografias.
- O resgate das histórias.
- O ato de Recontar oralmente as histórias vividas.
- Expressões por meio de desenhos.
- Registros verbais escritos dos alunos sobre o processo.
- Registros verbais escritos pelos pais (carta).
- Atividades e análises sobre a busca do “Herói Interno”.
- Atividades de arteterapia: construção de “Tesouros”.

Os dados colhidos foram avaliados segundo a percepção da psicopedagoga/pesquisadora em relação ao desenvolvimento da percepção

das crianças sobre si mesmas bem como do desenvolvimento da sua auto-estima.

Com relação à metodologia, o presente estudo utilizou uma abordagem qualitativa descritiva para avaliação e compreensão dos resultados, pois os objetivos de grande relevância eram: 1) Criar e ampliar o conhecimento de estratégias que devem ser desenvolvidas e aplicadas pelos professores, com base nas experiências cotidianas das crianças portadoras de necessidades educativas especiais; 2) Pesquisar e refletir sobre a importância do resgate da História de Vida no desenvolvimento cognitivo e afetivo dessas crianças.

A análise qualitativa dos resultados desta pesquisa-intervenção foi feita através dos dados de observação das crianças e do grupo, no contato direto e interativo da psicopedagoga que avaliou e fez a intervenção, desenvolvendo também o papel de pesquisadora.

A proposta era deixar que o fenômeno da criação e autoconhecimento se manifestasse na relação criativa entre a psicopedagoga e as crianças, mediadas pelos recursos do contar a sua história, e da arteterapia, por meio do diálogo com fotografias, montagens de figuras e imaginação de “Heróis Internos”. A partir das respostas verbais e não-verbais dos alunos, foi possível fazer associações do sentido e significado dos símbolos verbais e não-verbais das respostas dos alunos, no seu processo de avaliação e auto-avaliação.

As experiências vividas e analisadas foram alternadas por reflexões teóricas sobre a criança dentro da família; a importância do contar histórias e de outros recursos que possibilitam o desenvolvimento criativo das crianças, tomando como fundamento alguns autores (WINNICOTT, JUNG, CAMPBELL, FAGALLI, entre outros), além de reflexões sobre o valor da história no desenvolvimento humano e dos recursos da arteterapia e do lúdico.

Por meio desta pesquisa busquei descrever e compreender um determinado contexto, revelando seus múltiplos significados e permitindo aos leitores, o estabelecimento das generalizações necessárias dos mesmos, para sua melhor aplicação nas experiências educacionais de cada um.

## **O valor da família e do contar histórias**

Considerarei importante no trabalho, entender questões relacionadas entre a criança, família e a escola, já que as histórias e vivências que procurava investigar estavam profundamente conectadas por estas relações. Para isso busquei autores que me apoiassem e com os quais eu pudesse dialogar sobre a construção destes processos.

Ao ser concebida, a criança já é depositária de uma série de expectativas tanto do casal, quanto das famílias de origem dos pais. “Quando um indivíduo nasce, ele não vem ao mundo como uma tela em branco, mas sim, inserido numa história familiar que compreende várias gerações e recebe uma série de missões e projeções dos pais, avós e família extensiva” (BOWEN, apud GROISMAN, 1996)

Esse ideal normalmente é ditado por valores familiares que são transmitidos de geração em geração. Há famílias de engenheiros, em que se espera que o filho mais velho também o seja. Há famílias de advogados, de médicos ou de negociantes, onde o destino da criança já está selado, antes mesmo de seu nascimento.

Na óptica Sistêmica, observamos que o grupo familiar desloca-se através do seu Ciclo Vital segundo padrões relacionais, que influenciam diretamente sua relação com a aprendizagem e nas expectativas que o grupo familiar deposita nos membros mais novos. As crises, os grandes momentos da vida do grupo (casamentos, nascimentos, mortes, adolescência, etc.) marcam especialmente o caminhar do sujeito por estes estágios, paralisando-o ou oferecendo condições para que ele atravessasse este processo, como algo natural e saudável.

BOWLBY (1993) afirma que a existência de uma criança com problema representa uma ruptura para os pais. As expectativas construídas em torno do filho normal tornam-se insustentáveis. Vistos como uma projeção dos pais, estes filhos representam a perda de sonhos e esperanças e a obrigatoriedade em lidar com as limitações que fazem com que muitos pais se sintam despreparados para a tarefa que devem assumir. Assim, pode surgir um padrão rígido de comportamento, onde o tempo não pode passar; dando lugar



a mecanismos constantes e repetitivos, no intuito de manter o sistema homeostático e impedir que o grupo evolua de um estágio para outro.

“É importante perceber que existe um processo de luto subjacente, quando do nascimento e/ou desenvolvimento de uma criança disfuncional, seja ela física, emocional ou intelectual; ou ainda a combinação de todos esses aspectos. Processo esse, que nem sempre é bem elaborado pela família, agravando o quadro já existente.” (POLITY, 2001).

Sabemos que toda criança em idade escolar, sabe que precisa ter sucesso nos estudos. Isso é exigido por seus pais, familiares, colegas, professores, pela sociedade como um todo. O sucesso opõe-se ao fracasso, e este implica num juízo de valor, num julgamento que deve corresponder a um ideal.

A partir de experiências que tenho desenvolvido, propus fazer as intervenções nesta pesquisa resgatando as histórias familiares, mas atenta às dificuldades relativas às frustrações e dificuldades que as crianças tiveram na sua história de vida, no contato com seus familiares.

“Que relação pode ter tido o sentido que estamos atribuindo à nossa vida no momento, com o que sucedeu com essas expectativas que herdamos?” Essa frase de KROM (2000, p. 56) é bastante pertinente e nos convida a refletir qual é a relação que existe entre as expectativas que a criança recebe, e como ela vive e dá sentido a sua vida atualmente? Será que uma criança que é vista por seus pais como incapaz quando nasce se sentirá assim na escola?

“O Sentido imputado à vida, à família e aos relacionamentos tem sua origem na própria família. Mediante a reconstrução de muitas histórias familiares vamos ver as famílias atribuindo determinados significados aos acontecimentos que fortalecem ou não o sentido que já trazem de suas famílias anteriores passado pela vivência em família” (IDEM, P. 57).

Além disso, acredito que todo ser humano sente satisfação em conhecer sua origem, em pertencer a uma família e em poder dividir o conto, a “sua história”. Para GIORDANO (2007, P. 43), “contar um feito, uma história, um fato real é a meta da narração, cuja popularidade implica igualmente a aceitação coletiva e a funcionalidade do contador e do conto narrado”.

Portanto, podemos entender que as recordações destes momentos marcantes, bem como a ida da criança para a escola, podem trazer à tona sentimentos de impotência, de raiva e frustração à família.

Com relação ao que se passa em um ambiente educacional, pode-se afirmar que: “os professores (...) são, em muitos aspectos, experimentados subconscientemente, como substitutos dos pais, e ser apreciado por eles traz, para a criança a aprovação e o afeto parentais.” (BETTELHEIM apud ZELAM, 1993, p. 32).

Porém ao observarmos a realidade de uma escola, percebemos que existem situações de aprendizagem que extrapolam a transmissão de conteúdo. Estamos nos referindo às relações afetivas presentes neste processo.

Segundo PIECZKOWSKI (1999), toda criança possui um ritmo de desenvolvimento, seja ele físico ou mental que difere de uma pessoa para outra. O grande desafio para o sistema educacional, precisamente a educação especial é buscar uma forma de inclusão destas crianças ou pessoas.

Pode-se dizer que o profissional transforma-se no “professor suficientemente bom” (POLITY, 1997) quando se adapta às necessidades de seu aluno promovendo seu sentimento de continuidade de ser, fazendo ajustes no *setting* pedagógico, fornecendo *holding* (manejo das necessidades do aluno), para poder apresentar, em pequenas doses, o mundo (das relações, dos conteúdos), por meio de diferentes estratégias e instrumentos pedagógicos, artísticos e lúdicos. Dessa forma, auxilia o aluno a fazer do estudo algo pessoal, um estudo mais humanizado em companhia de outro, um estudo com presença humana, voltado para as relações.

“Do professor suficientemente bom não se espera outras qualidades que não aquelas que a atitude sensível de um ser humano comum possa reunir. Entre elas a capacidade de “ouvir o outro, voz que enuncia, do fundo e de dentro da precariedade de seu existir, os seus desejos e as suas necessidades” (WINNICOTT, 1967).

## **A auto-estima e os recursos da arteterapia e do diálogo com heróis.**

Observei durante esta pesquisa, que outra tarefa em que também contamos com a ajuda do outro e das relações, refere-se a atividades que tem como objetivo a construção da auto-estima dos aprendizes. Brevemente gostaria de expor algumas idéias acerca deste assunto que é bastante discutido não só em psicopedagogia.

Penso que a auto-estima é uma das características do ser humano de extrema importância para as relações humanas. Considero importante pensar sobre ela, pois atualmente a palavra “auto-estima” é utilizada por diversos tipos de profissionais, quer sejam ou não da área das Ciências Humanas. Se pensarmos o porquê desta saudável utilização, talvez cheguemos à conclusão que cada vez mais se está levando em conta o bem-estar das pessoas. Mas afinal o que é a auto-estima?

A pesquisa de HARTER sobre a auto-estima de crianças sugere que esta é um produto de duas avaliações ou julgamentos internos (HARTER, 1987; 1990). Primeiro cada criança experiencia algum grau de discrepância entre aquilo que gostaria de ser, (ou pensa que deveria ser), e aquilo que acha que é. Quando esta discrepância é pequena, a auto-estima da criança é alta. Quando a discrepância é grande – quando a criança sente que não está vivendo de acordo com seus objetivos e valores - a auto-estima será muito baixa.

A segunda influência maior sobre a auto-estima de uma criança é o sentimento global de apoio que a criança experiencia das pessoas importantes que a cercam, especialmente pais e amigos. As crianças que sentem que as outras pessoas geralmente gostam delas do jeito que são, terão chance de ter uma auto-estima maior do que as crianças que relatam menos apoio global.

Lendo outros autores penso que auto-estima também pode ser definida como uma postura, uma atitude para consigo próprio que vai sendo adquirida ao longo do crescimento e do desenvolvimento. Porém a definição que mais me chamou atenção diz que a auto-estima é a definição aprendida acerca de nós mesmos. Entretanto, ela não é fabricada por nós, mas sim pelos olhares

que nos são dados durante nosso desenvolvimento. Olhares que podem encorajar nossas potencialidades ou que podem destruí-las. Olhares que nascem do âmbito familiar e que, sem dúvida alguma, continuam na vida escolar e social.

Dentro da escola, o amor e o vínculo que pode ser estabelecido com os professores e colegas facilitam captar de cada um o mais profundo, a verdadeira essência. Creio que através desta relação (aluno/colega, aluno/professor) também pode ser possível vislumbrar os potenciais, e esperar que o que ainda não foi revelado, possa ser exibido e construído.

Se refletirmos então sobre a História de Vida de muitos alunos do Colégio Winnicott, ficará fácil compreender porque muitos possuem baixa auto-estima, o que atrapalha seu desenvolvimento e sua capacidade de aprender.

Percebo que alguns alunos se sentem incapazes de enfrentar os desafios que o mundo lhes oferece. Eles se acham, de antemão, perdedores, e desistem antes mesmo de começar algo que julgam que não vão dar conta.

Resgatar a auto-estima desses jovens seria fazer com que os alunos acreditassem na sua capacidade de aprender; na sua capacidade de enfrentar os desafios; na sua capacidade de se esforçar e se dispor para a aprendizagem novamente.

Foi neste sentido então, que julguei ser importante abordar a questão da auto-estima e assim propor a importância do escutar e Recontar sua História. E para esse processo, acredito que a arteterapia muito tem a contribuir.

Através da Arte o sujeito pensa, sente, olha, imagina, cria e voa. Não há certo, nem errado. Segundo ALLESSANDRINI (2004), a arteterapia possibilita que as crianças descubram suas potencialidades e ampliem seu repertório e seu universo pessoal, re-contextualizando antigos bloqueios que se desmancham e que adquirem novos significados.

Com relação à arteterapia penso que ela "... pode ser desenvolvida em diferentes contextos terapêuticos, com orientações teóricas e modos de trabalhar diversos, e por abarcar uma gama diferenciada de campos de atuação, permite a participação de profissionais com diferentes formações na área de relações de ajuda". (CIORNAI, 2004, p. 76)

FAGALI (2005) aponta que há uma necessidade 'natural' por parte das professoras que fazem a formação em Psicopedagogia de "usufruir desse encontro de alimentação e revitalização, lastimando a ausência dessas criações e expressões não verbais nas condições de aprendizagem propostas pela escola". Por isso a Arte pode trazer consigo a leveza e o lúdico, e pode tornar o processo educacional mágico.

"Percebo o quanto a aprendizagem - do nível básico ao superior -, mobilizada pelas diferentes expressões artísticas, amplia as condições para o indivíduo se criar como pessoa, aprendiz, cidadão, profissional. São condições para o aprender que possibilitam a atuação criativa de todos os envolvidos nessa experiência, integrando emoções e conhecimentos em uma cultura com uma modalidade de aprender e de ensinar predominantemente rígida, dura, ascética, "sisuda" e única". (IDEM, p. 45).

Neste enfoque, acredito que o encontro entre a Arteterapia e a Psicopedagogia se fez presente nestas aulas de artes em que buscava olhar o indivíduo completo e complexo.

Utilizei como recurso a fotografia, que serviu para fazer o resgate da história de vida dos alunos. Como seria inviável fazer este processo oralmente com as famílias, resolvi utilizar a foto como mobilização e expressão dos aprendizes no diálogo entre presente e passado.

Através da fotografia, lembramos de situações e de pessoas, e podemos também olhar para nós mesmos quando ainda sequer temos consciência do si mesmo. Ao olhar a fotografia recontamos inúmeras situações que se mantinham esquecidas ou nebulosas, e que revivemos, re-significamos, e buscamos novos sentidos que nos ajudam a reconstrução do nosso eu e da aprendizagem no presente.

Impressiono-me ao descobrir como um simples pedaço de papel brilhante, com uma imagem que registramos em algum momento de nossas vidas, tem o poder e a magia de desencadear uma série de emoções, sensações, alegrias, tristezas e energias em nossa mente e coração.

SANTOS (2004, p. 23) nos conta que "A Fotografia nos transporta para um determinado tempo, resgata na memória as informações e as emoções. É um resgate individual e social que registra um momento da vida, situado no

tempo e no espaço. Promove o encontro da pessoa com seu passado, com imagens carregadas de significados e também de perguntas”.

Outro recurso que pode ser mobilizado ao re-significar nossa história por meio da fotografia, refere-se ao diálogo com os heróis, com enfoque no **Herói Interno**.

E para ajudar a desenvolver as estratégias e análises com base nos conceitos sobre Herói Interno busquei dialogar com autores que nos convidam a pensar sobre Mitos e Heróis, já que são assuntos que estão intimamente ligados.

JUNG (1976, p. 78) descreve tal experiência como “expressão simbólica para o drama interior e inconsciente da psique”. E diz ainda:

“Mas não nos demos conta ainda de que os mitos são, antes de tudo, uma manifestação psíquica que representa a essência da alma. (...) um homem primitivo; (...) possui uma necessidade imperiosa ou, melhor dizendo, sua psique inconsciente é dotada de um ímpeto insuperável de assimilar todas as experiências exteriores dos sentidos sob a forma de acontecimentos psíquicos. Não basta ao homem primitivo ver o sol se pôr. O que ele observa tem que ser, ao mesmo tempo, um acontecimento psíquico, ou seja, o sol, em seu modo de se transformar, tem de representar o destino de um deus ou de um herói, que na verdade, habita nada mais nada menos do que na alma humana. (...) os acontecimentos naturais mistificados não são nada mais que alegorias dessas experiências objetivas, do que expressões simbólicas para o drama interior e inconsciente da psique, drama que, no caminho da projeção, isto é, espelhado em acontecimentos naturais, torna apreensível a consciência humana”.

Deve ficar esclarecido que ao mencionar acima “herói”, Jung quer se referir ao motivo arquetípico baseado na superação de obstáculos e no alcance de determinadas metas. JUNG (1971) assim define: “O herói simboliza o self<sup>2</sup> inconsciente de um homem; este se manifesta empiricamente, como a soma total de todos os arquétipos<sup>3</sup>, incluindo, portanto, o arquétipo do pai e do velho sábio. Neste sentido, o herói é seu próprio pai e seu próprio procriador”.

---

<sup>2</sup> *Self*, segundo Jung, como um princípio unificador dentro da psique humana, ocupa a posição central de autoridade com relação à vida psicológica e, portanto, do destino do indivíduo.

<sup>3</sup> [Do gr. *archétypon*, "modelo", "padrão".] Termo proposto em 1919 por Carl G. Jung, psicólogo e psicanalista suíço (1875-1961), para designar o conjunto de imagens psíquicas do inconsciente coletivo que são patrimônio comum de toda a humanidade: "São sistemas de prontidão para a ação e, ao mesmo tempo, imagens e emoções. São herdadas junto com a estrutura cerebral - constituem de fato o seu aspecto psíquico.

Como sabemos, o mito do Herói é o mais comum e o mais conhecido em todo o mundo. Encontramo-lo na Mitologia clássica da Grécia e de Roma, na Idade Média, no Extremo Oriente e entre as tribos primitivas contemporâneas. São mitos que variam muito nos seus detalhes, mas quanto mais os examinamos mais percebemos o quanto se assemelham na sua estrutura. Isto quer dizer que guardam uma forma universal mesmo quando desenvolvidos por grupos ou indivíduos sem qualquer contato cultural entre si. (JUNG, 1987, p. 110)

CAMPBELL (apud KROM, 2000), profundo estudioso de mitologia, aponta a transformação da pessoa em herói. O herói é o homem ou a mulher que, com muita luta, supera as limitações de sua história pessoal ou oficial, assumindo formas humanas de validade universal. O herói morre como homem moderno, mas renasce como homem eterno e universal.

### **Relato da experiência sócio-pedagógica**

Iniciamos nosso percurso através da montagem dos Álbuns. Durante a construção, os alunos utilizaram cartolina e papel E.V.A. colorido, além de tinta plástica, cola e glitter. Cada álbum ficou personalizado e com as marcas de seu dono.

Este processo contribuiu para que os jovens sentissem vontade de preencher as páginas e montar de fato sua história dentro do álbum. Este também foi o momento em que pudemos testar muitos materiais e desenvolver técnicas para decorá-los. (purpurina, fitas, lantejoulas, entre outros).

Percebi que os alunos apreciaram fazer o álbum e chegavam animados para construí-lo. O material, como já disse anteriormente, era de fácil manuseio e serviu também para aprimorar capacidades motoras e estéticas.

À medida que o álbum foi ganhando forma, comecei a pensar nas fotografias que iriam compor aquele material.

O que importou para mim naquele momento foi construir a narrativa que fizesse sentido aos meus alunos, e não a história real ou verdadeira, e por

conta disso, acho que a fotografia cumpriu seu papel: de transmitir um sentimento e resgatar uma lembrança.

O pedido das fotografias foi um momento interessante que não poderia deixar de contar, pois fez parte do processo e também foi muito revelador. Escrevi na agenda de cada um explicando a seus pais esse projeto e pedindo gentilmente a contribuição com fotos que pudessem montar a História de Vida de seus filhos. Não pedi nenhuma foto específica, pois queria sentir a espontaneidade da família.

A partir daí, iniciei, sem saber, um grande desafio. É claro que já podia imaginar que para algumas famílias não seria muito agradável rever alguns momentos; e para os filhos também não seria fácil fazer esse pedido e enfrentar algumas situações, mas mesmo assim estava confiante em já ter envolvido meus alunos nesta atividade e saber que eles precisavam deste movimento.

Confesso que fiquei bastante ansiosa e curiosa para dar minhas aulas e saber quem tinha trazido fotos e como eram essas fotos escolhidas. Questionava-me como teria sido essa “seleção de fotos” para enviar para a professora de Artes.

Os outros professores comentavam que esse projeto tinha tomado conta da sala de aula e que os alunos não paravam de falar e comentar a respeito. Houve uma grande repercussão pela escola.

Como era de se esperar algumas famílias contribuíram mais que outras. Alguns alunos se envolveram mais que outros. E assim fui percebendo os que sofriam do que chamei de ‘carência de escuta’, ou seja, alunos e famílias que por algum motivo, não quiseram de jeito nenhum buscar seu passado.

Alguns álbuns foram finalizados com apenas uma foto, outros não quiseram nem sequer colocar uma foto na capa como já mencionei anteriormente. Respeitei cada aluno, explicando e verbalizando o limite de cada um, até onde era possível chegar.

Eu refletia: “Quantidade não é qualidade! Vamos trabalhar com a foto que temos e recontar a história de vida a partir dela”.



As fotos que os alunos trouxeram foram selecionadas primeiramente por seus pais e depois por eles mesmos. No álbum de suas histórias, entrou o que eles quiseram revelar.

Durante a montagem e seleção das fotos, o aluno pôde entrar em contato com as alegrias e angústias que aquelas cenas traziam. Percebi claramente que à medida que puderam contar sobre as fotos que estavam em suas mãos, clarearam suas emoções e organizaram seus pensamentos, e puderam, ao contar sua própria história de vida aos outros, dar um novo sentido a ela: o seu.

Registrar este período ou querer contá-lo a todo instante, nem sempre foi possível para a família, pois isto acarreta em assumir muitas decepções e mágoas. Além de demandar a superação das expectativas criadas e enfrentar a criança real.

Podemos dizer, portanto, que o **Recontar a sua história** teve como função e tarefa abrir para o indivíduo as questões primordiais da vida, refletir sobre as pessoas, sobre os acontecimentos, fazer um esforço para pensar a realidade e entender que sentido pode ser atribuído às suas narrativas.

E foi neste processo que os alunos puderam se sentir mais aceitos e mais respeitados nas suas dores e dificuldades; nas suas histórias e, portanto, em sua existência. Penso que a atividade de contar e de ouvir as histórias dos outros, contribuiu para fortalecer pactos com a vida e com a felicidade, por proporcionar contato com os sonhos e com os desejos de ser feliz para sempre.

Aqueles que puderam dividir sua história desenvolveram mais energia e disponibilidade para estarem presentes nas atividades promovidas como a construção do Herói Interno.

As fotos foram, sem dúvida um grande estímulo para ação de reflexões e de percepções. Trabalhamos noções importantes de conservação (o que permaneceu igual durante os anos e o que mudou) e noções de transformação corporal (como eles eram e como eles estão agora).

Quero afirmar que o resgate e a estruturação da história de vida de cada aluno não foi um processo simples. Como disse anteriormente, em alguns

casos, a história de vida da criança e da família, por muitos foi marcada por angústia, dor e muita desesperança. Foi difícil, para alguns alunos, rever fotos que ilustrassem seu crescimento. Já para outros, foi muito prazeroso levar fotos que talvez nunca tivessem visto antes. Senti o quanto as famílias se esforçaram para contribuir com o álbum, e como puderam partilhar esse momento com os filhos.

Isto determinou que o momento de contar a História de Vida, pudesse se converter em um momento sagrado para a audiência, bastando lembrar o respeito com que os colegas tratavam quem estava contando e quem estava querendo dividir sua história.

### **Herói interno: em busca do tesouro**

Para finalizar a construção dos **Álbuns de Fotografia** e após concluir o resgate da **História de Vida** dos alunos, a minha intenção foi a de estimular a construção/identificação deste **Herói Interno**, que traz condições de viver conquistas e também desafios no caminho que escolheram e pudessem seguir pela vida; ou seja, depois de **Recontarem suas Histórias**, resgatassem seus Heróis Internos e seguissem com ele na busca de seus objetivos e desejos pessoais.

Conversamos primeiramente sobre o que eram “Heróis”, quem podia ser considerado herói, quais heróis eles conheciam, etc... Este bate papo, gerou desenhos e também pesquisas. Os alunos trouxeram os heróis que mais gostavam (Homem Aranha, Jaspion, Super Homem, Batman, Mulher Maravilha, entre outros) e contaram sobre seus poderes, suas metas o que eles imaginavam que eram seus defeitos e fraquezas. Observaram suas características físicas e emocionais.

Com isto, o perfil do herói se vê obrigado a deixar uma representação única, para se abrir à multiplicidade de expressões; em outras palavras, ele não mais será a representação mítica da justiça, da conquista, da vingança, da força, do amor, etc. que exerce sua influência, interfere nos destinos, estando sempre resguardado numa dimensão intocável, imaculada e imortal, mas

também se revelará humano e moralmente confuso, atormentado, dramático e atingível.

Partimos então, para a etapa na qual eles teriam que se imaginar como Heróis. Para isso, fizeram desenhos, descreveram as aptidões e as fraquezas. Esta iniciação provocou muitas questões, pois foi preciso ter coragem para confiar que eles eram capazes de dar este passo e entrar nesta aventura.

A jornada heróica, (seja nas histórias contadas pelos gregos, maias, chineses ou africanos), é sempre dividida em três etapas: a iniciação do herói através de sua entrega à missão, a transformação e o retorno. Assim aconteceu com Ulisses, Prometeu e Hércules. Assim também ocorre com muitos pais, educadores, médicos, executivos, enfim, com quem se permite ser assistido por aquilo que Jung, como mencionado anteriormente, chamou de arquétipo do herói.

Para favorecer e estimular esta iniciação realizei com eles uma atividade com Argila, cuja finalidade foi o de convidá-los a encontrar “O Tesouro da Vida” - um símbolo que pudesse dar força, razão e sentido para o seu viver, e que os ajudasse a continuar nessa batalha diária que eles vivem; e mais que isso, que os ajudasse a conquistar seus sonhos e seus desejos, na jornada da vida.

Fizemos essa atividade ao som de uma música “Super Herói”, cantada por SANDY&JUNIOR, que fala sobre a busca do sucesso e do amor e sobre a conformação. Essa música os comoveu bastante e muitos alunos se emocionaram durante a atividade, enquanto outros a cantaram com muita alegria.

Então com a argila e a música, e com algumas ‘ferramentas’, (palitos de sorvete e de churrasco), os Alunos Heróis foram moldando a massa, descobrindo e fabricando seus Tesouros, que contribuíram simbolicamente na formação e identificação do Herói Interno.

## Considerações finais

Ao pesquisar e construir junto com aluno e família a sua história de vida, foi possível permitir que cada um a Re-contasse, descrevendo os fatos à sua maneira, e, sobretudo a significação destes para si mesmo.

E foi assim que ao recontar a história de vida através de fotos, eles puderam construir histórias mais alegres, puderam criar fantasias de amor que muitos não tiveram na infância, e projetar no futuro, um mundo com mais possibilidades e desejos.

Procurei reforçar os pontos fortes dos alunos, datas importantes e conquistas como a capacidade de caminhar sozinho, de comer sozinho, de brincar, de andar de bicicleta, etc., elogiando cada aspecto, valorizando o esforço, dosando cuidadosamente os obstáculos que eles enfrentaram para aprender e, principalmente, oferecendo o prestígio do afeto.

Todos quiseram ver as fotos dos colegas e saber como eram suas mães, avós, avôs... Na saída da escola, as famílias comentavam sobre os álbuns e como se fosse uma energia virtuosa, todos se transformaram pelo menos um pouco.

Na busca do Herói foi necessário criar um contexto que permitisse esta aventura. Para os participantes foi preciso ter a disposição e o desprendimento ao seguro e conhecido, para que o Aluno Herói, então transformado, pudesse amadurecer e ampliar a consciência sobre si e sobre o mundo, para construir uma existência significativa e compartilhar desse conhecimento com os outros.

Tenho convicção que a auto-estima desses alunos foi fortalecida a partir dessas narrativas que puderam ser re-elaboradas por eles e por suas famílias, através do resgate das emoções que estavam presentes nas fotos e na construção dos heróis.

Observei que, com este processo, múltiplas transformações puderam acontecer.

É mais consciente para mim hoje, como neste espaço do “Colégio Winnicott” não deixou de funcionar o que WINNICOTT (1967) denominou como

“espaço potencial”<sup>4</sup>, onde foi possível resgatar a possibilidade de vinculação dos alunos, dando margem à sua criatividade e sua capacidade de resolução de alguns conflitos.

Neste contexto, a escola pôde ser vista como um ambiente - fora do âmbito familiar - que tanto acolheu, como enfocou o sujeito na esfera das relações sociais. Fez pensar também, que as experiências vividas no seu interior, serão decisivas para seu modo de se colocar no mundo, nas relações com os outros.

Concordo com WINNICOTT (1997, p.45) ao afirmar que “o que se passa no encontro é um resgate, não do passado, mas do acontecer que funda um existir.” Ele enfatiza a capacidade de *holding* - que deve dar sustentação à realidade para as vivências do sujeito, e julga especialmente importante, que ele possa adquirir a capacidade de sentir o que há para ser sentido na vida, incluindo aí a dor e o sofrimento, que fazem parte da saúde.

No decorrer do ano, pude observar que a Escola como um todo sofreu impacto com estas atividades. Posso dizer que este movimento, alterou o sistema da escola e trouxe situações inusitadas não só a eles (alunos), mas também aos outros professores e familiares, que participaram da busca e descoberta das fotos e histórias pessoais.

Foi gratificante ver como uma foto pode trazer emoções e lembranças que há muito estavam esquecidas. Infelizmente, como já coloquei anteriormente, nem sempre as lembranças e as emoções são boas, mas ao olharmos de novo, talvez tenhamos a chance de re-significá-las.

Senti que foi muito importante poder pensar e diferenciar questões do tipo: quem sou hoje?; o que estou fazendo agora?; o que eu fui?; o que eu poderia ter sido?; o que acreditavam que eu poderia ter sido? e ainda, o que eu acredito que posso ser hoje?.

Penso que as emoções e os sentimentos estão presentes no ser humano, a História de Vida é algo que vamos conseguindo construir com o

---

<sup>4</sup> **Espaço potencial** é a área entre o bebê e a mãe que emerge durante a fase de repúdio do objeto não-eu. “A característica específica deste lugar em que se inscrevem o jogo e a experiência cultural é que a existência deste lugar depende da experiência da vida e não das tendências herdadas”. (WINNICOTT, 1967, P. 45)

tempo e com a ajuda do outro. Reconhecer nossa própria história e sentimentos, e conseguir expressá-los não é tarefa fácil.

Este trabalho demonstrou que além de estimular o imaginário, sensibilizar o ouvinte, tocar o coração, divertir e curar, é também possível alimentar sonhos e esperanças.

## Referências Bibliográficas

- AGUIAR, K. F. & ROCHA, M. L. Práticas Universitárias e a Formação Sócio-política. *Anuário do Laboratório de Subjetividade e Política*, nº 3/4, 1997, pp. 87-102.
- ALESSANDRINI, C.D. Análise Microgenética da oficina criativa, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- BOWEN in GROISMAN, M. e Col. *Histórias Dramáticas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- BOWLBY, J. *Trilogia: Apego, Perda e Separação*. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1993.
- CAMPBELL, J. in KROM, M. *O Mito Familiar*. 2000.
- CHAMAT, L.S.J. *Relações vinculares e aprendizagem – um enfoque Psicopedagógico*. São Paulo: Vetor, 1997.
- CIORNAI, S. Arte Terapia Gestáltica: um caminho para a expansão da Consciência. In *Revista de Gestalt* 1(30: 5 – 31, São Paulo, 1994).
- CIORNAI, S. *Percursos em Arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia*/ Selma Ciornai (org). São Paulo: Summus, 2004.
- FAGALI, E. Q. *Psicopedagogia institucional aplicada: Aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FAGALI, E. Q. (Org.). *Múltiplas faces do aprender: novos paradigmas da pós modernidade*. 1º. Ed. S. Paulo: Editora Unidas LTDA, 2001.
- FAGALI, E. Q. Encontros entre arteterapia e psicopedagogia: a relação dialógica terapeuta e cliente, educador e aprendiz. In: Selma Ciornai. (Org.). *Percursos em Arteterapia*. 1º Ed. S. Paulo: Summus editorial, 2005, v. 3, p. 17-64.
- FERNANDÉZ, A. *Os Idiomas do Aprendente: análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

- GIORDANO, A. *Contar Histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura*. São Paulo: Artes Médicas, 2007.
- JUNG, C.G. *Símbolos da transformação*. CW 5. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.
- JUNG, C.G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. CW 9i. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- KERR, M., in GROISMAN & Col. *Histórias Dramáticas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- KROM, Marilene. *Família e Mito: prevenção e terapia: resgatando histórias*. São Paulo: Summus, 2000.
- PEREIRA, Maria C. da Silva. *A Paixão de Formar*; Ed. Artes Médicas, São Paulo, 1994.
- PIECZKOWSKI, Tânia Mara Zancanaro. O Espaço das crianças portadoras de necessidades educacionais especiais - Deficiência Mental – na Educação, *Revista Pedagógica Chapecó*, Santa Catarina, 1999.
- POLITY, E. *Ensinando a Ensinar*. São Paulo: Vetor, 1997.
- POLITY, E. *Dificuldade de Aprendizagem e Família: Construindo novas Narrativas*, São Paulo: Vetor, 2001.
- VOGLER, C. A. *Jornada do Escritor: Estruturas Míticas Para Contadores de Histórias e Roteiristas*. Rio de Janeiro: Ed. Ampersand, 1997.
- SANTOS, R. A. Fotografia: ressignificando a própria história. In: Selma Ciornai. (Org.). *Percursos em Arteterapia*. São Paulo: ed. Summus, 2004, p. 231-238.
- STAMATE, F. & RANGEL, T. *Artigo. Auto-estima: estimado para estimar*. In: [www.sei-online.net/consultorio/artigos/autoestima.htm](http://www.sei-online.net/consultorio/artigos/autoestima.htm), 2002.
- WINNICOTT, D. *O Brincar e a Realidade*, Rio de Janeiro, Imago, 1967.
- WINNICOTT, D. *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ZELAM, Karen. *Os Riscos do Saber*, Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1993.